

## A *Vida* de Maria de Portugal, Princesa de Parma: do texto ao comentário

1. Entre os documentos pessoais guardados «con molta segretezza»<sup>1</sup> por Maria de Portugal e deixados em legado testamentário<sup>2</sup> aos cuidados do seu confessor, o jesuíta Sebastião de Morais, figurava, para além de diversas cartas hoje infelizmente ainda não encontradas, uma «scrittura (...) di sua mano, accommodata in modo, che si poteua portare nel seno», a qual, pelo seu conteúdo, maravilhou e alegrou aquele jesuíta<sup>3</sup>. A tal ponto que, quase de imediato - na primeira semana depois da morte de Maria, ocorrida em 8 de Julho de 1577 - Sebastião de Morais, transcrevendo tais escritos, deles fez a base da breve «vida» que enviou, sob a forma de *Lettera* (datada de 15 de Julho de 1577) a uma «prencipale Signora», que não chegou a identificar. Esta «Senhora» ter-lhe-á manifestado o desejo de conhecer «alcuni particolari della vila, et morte della Signora Prencipessa di Parma et Piacenza,

---

<sup>1</sup> Sebastião de MORAIS, *Lettera scritta dal R. P. Confessore della Serenissima Prencipessa di Parma, & Piacenza, ad vna prencipale Signora Sopra la vila, & morte di Sua Altezza*, in *Vita, et Morte della serenissima Prencipessa di Parma, et Piacenza*, Bologna, per Alessandro Benacci, 1578, fl. 5r. Citarei sempre por esta edição.

<sup>2</sup> Veja-se Alberto DEL PRATO, *Il testamento di Maria di Portogallo moglie di Alessandro Farnese*, in *Archivio Storico per le Province Parmensi*, nuova serie, vol. VIII (1908), 192: «Mi farà grande gracia il Principe mio s.<sup>te</sup> in ordinar che li miei scrittorij et casse ove ho le scritture non siano aperte, se non in presencia del mio confessore, et visto per il sua Secretario, che non v'è altro, dia le chiavi al Confessore, et mandi detti scrittorij et casse al'Iffante mia s.<sup>ra</sup> et al s.<sup>r</sup> Don Dr.<sup>te</sup> a bon ricapito, perchè la maggior parte son lettere de le alteze loro, ne vorria che altro gli vedesse, fatto in Parma a vinte di settembre mile cinquecento setanta cinque».

<sup>3</sup> MORAIS, *Vila et morte...*, ed. cit., fl. 5r-v.

di felice Memoria»<sup>4</sup>, a que Sebastião de Morais correspondeu com a referida carta escrita «in quel modo, et con quel ordine è confusione, che mi verrà à memória, et che mi serà concesso dalla breuità del tempo» - ordem e confusão próprias, aliás, do género epistolar... Deste modo, pretendendo traduzir os sólidos fundamentos da «vita et perfettione christiana» da princesa comprovados naquela espécie de manual de vida interior e de prática de virtudes que ela registara por escrito, o confessor da Princesa deixou também o seu testemunho pessoal de factos e atitudes de Maria que a sua memória havia guardado - e também seleccionado - e que agora podia partilhar, corroborando e ajudando a fixar aquele «uero ritratto della perfettione christiana» que a princesa «diligentemente si sforzaua d'osseruare»<sup>5</sup>.

Esta *Lettera* escrita a uma «Senhora principal» rapidamente deixou de ser - se é que alguma vez, verdadeira e não só retoricamente, o foi — uma carta pessoal, passando a constituir o principal testemunho público perpetuador da memória de Maria de Portugal, a partir do momento em que a imprensa o multiplicou e divulgou nos anos seguintes. Pelo menos, 5 edições diferentes só no ano de 1578 - duas em Bolonha<sup>6</sup>, outra em Vercelli<sup>7</sup> e duas edições em Milão<sup>8</sup> -, uma em Parma (incluindo a *Vida* do seu irmão

---

<sup>4</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 5r.: «Per sodisfare al ragioneuol desiderio di V. S. et per sua, et mia consolatione, la scriuo...».

<sup>5</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 8r.-v.: «Ogni vno, che haurà visto, et praticato questa Serenissima Signora, haurà anchor visto quanto ella diligentemente si sforzasse d'osseruare tutto il sudetto da lei raccolto, che seco portaua per ricordarselo...».

<sup>6</sup> *Vita et morte...*, Bologna, Alessandro Benacci, 1578, 4<sup>o</sup> (de que existe um exemplar na Biblioteca Civica de Pádua); *Vita et morte...*, Bologna, mesmo impr., 1978, 12<sup>a</sup> (um exemplar na Biblioteca Nacional de Nápoles). Para algumas das edições, cf. Gabriela ZARRI, (a cura di), *Donna, disciplina, creanza cristiana dal XV al XVII secolo. Studi e testi a stampa*, Roma, 1996, «Repertorio», 614 e 703.

<sup>7</sup> *Vita et morte...*, Vercelli, Guglielmo Molino, 1578, 8<sup>o</sup> (exemplar existente na Biblioteca Estense de Modena, que não pude consultar devido a obras na biblioteca).

<sup>8</sup> *Vita et morte...*, Milano, Pacifico Pontio, 1578, 12<sup>a</sup>, edição patrocinada pelo Cardeal de Santa Prassede Carlos Borromeo (um exemplar na Biblioteca Nacional Braidense de Milão e outro na Biblioteca Civica «A Mai» de Bergamo); Milano, Michel Tini, 1578, 24<sup>o</sup> (um exemplar na Biblioteca Nacional de Florença). Creio ser muito significativo não só o facto de as primeiras edições serem de uma área geográfica e cultural relativamente homogénea, mas também de a sua divulgação, pelo menos numa edição, ter tido o apoio claro do Cardeal Borromeo, particularmente empenhado, como é sobejamente sabido, na reforma da vida moral de clérigos e leigos. Cf. Paolo PRODI, *Riforma interiore e disciplinamento sociale in san Carlo Borromeo*, in *Intersezioni*, a. V, n<sup>o</sup> 2 (Agosto de 1985), 273-285.

D. Duarte) em 1582<sup>9</sup>; outra em Roma em 1584<sup>10</sup>; três em Veneza (contendo igualmente a vida do irmão), em 1583, 1584 e 1585<sup>11</sup>; outra em Verona em 1592<sup>12</sup>; outra em Roma, em 1602<sup>13</sup>; outra ainda em Nápoles em 1612<sup>14</sup>; uma tradução castelhana, por Francisco de Alvarado, impressa, ao que tudo indica, duas vezes em Roma em 1580<sup>15</sup> e reeditada, com numeração de parágrafos, em Madrid em 1591<sup>16</sup>; da tradução de Alvarado veio a servir-se Diego

---

<sup>9</sup> *Vila et morte... et del Sereniss. signor don duarte suo fratello*, Parma, 1582 (não localizei nenhum exemplar. Referência recolhida nos ficheiros da Biblioteca Nacional de Florença).

<sup>10</sup> *Vila et morte....* Roma, Gioliti, 1584 (um exemplar na Biblioteca Nacional de Nápoles).

<sup>11</sup> *Vila et morte (...) et del Sereniss. signor don duarte suo fratello*, Vinegia, apresso i Gioliti, 1583, 8º (um exemplar existente na Biblioteca Nacional Marciana de Veneza e outro na Biblioteca Civica de Pádua); *ibid.*, pelo mesmo impressor, 1584, 12º (um exemplar existente na Biblioteca Braidense de Milão) e 1585, 8º (um exemplar na Biblioteca Nacional Marciana de Veneza e outro na Biblioteca Civica de Pádua).

<sup>12</sup> *Vila et morte... Essemplio à tutte le donne del uiuer christiano*, Verona, apresso Girolamo Discepolo, 1592, 8º (um exemplar na Biblioteca Apostólica Vaticana).

<sup>13</sup> *Vita et morte...*, Roma, Vullietti, 1602, 12º (um exemplar na Biblioteca Nacional de Roma e outro na Biblioteca Apostólica Vaticana).

<sup>14</sup> *Vila et morte...* (juntamente com *Pianto della marchesa di Pescara sopra la Passione di Christo* e com os *Discorsi sopra l'Amor di Dio del P. M. Avila...*), Napoli, Lazzaro Scoriggio, 1612, 16º (um exemplar na Biblioteca Comunale do Archiginnasio de Bolonha e outro na Biblioteca Apostólica Vaticana).

<sup>15</sup> *Vida y muerte dela Sereniss. Princesa de Parma y Plasencia*, Roma, heredes de António Blado, 1580, 16º (um exemplar na Biblioteca Nacional de Nápoles). A dedicatória desta edição a D. Ana de Aragão, Duquesa de Frias, tem a data de Roma, 25 de Agosto de 1580. Mas a edição comentada da obra por Diego Pérez de Valdivia - v. nota 17 -, que transcreve a mesma dedicatória com ligeiras diferenças textuais (em vez de «inmenso y piadoso Dios» tem «bueno y benigno Dios» e em vez de «imprimir» tem «estampar»), traz a data «De Roma a veynte de Iunio 1580». E a edição de Madrid, 1591, transcreve a dedicatória à mesma Duquesa com data «De Roma a veynte de Iunio, mil y quinientos y ochenta». Devem, assim, ter sido feitas, no espaço de 2 meses, duas edições diferentes da tradução castelhana de Francisco de Alvarado.

<sup>16</sup> *Vida y Muerte de la Sereniss. Princesa de Parma y Plasencia, hija del Infante don Duarte, hijo del Rey dou Manuel de Portugal, y de la Infanta doña Isabel, hija del Duque de Bragança don layme*, Con licencia, En Madrid, por Pedro Madrigal, Año de 1591, 24º (um exemplar consultado na B.N. de Lisboa) Agradeço à Professora Ana Martínez Pereira a informação sobre esta edição, referida por Yolanda CLEMENTE SAN ROMÁN, *Algunos impresos no recogidos en la «Bibliografía Madrilená» de Pirez Pastor*, in *Trabajos de la Asociación Española de Bibliografía*, Madrid, Biblioteca Nacio-

Pérez de Valdivia no seu *Libro de la breve relacion de la vida y muerte exemplarissima de la princesa de Parma de felice memoria, con anotaciones* (...), impresso em Barcelona em 1587<sup>17</sup>, reeditado em Valência em 1618<sup>18</sup>; por sua vez, esta vida «anotada» por Pérez de Valdivia foi traduzida para italiano por Giulio Zanchini da Castiglionchio<sup>19</sup>, com o título de *Annotazioni intorna alla vita e morte della serenissima D. Maria Principessa di Parma*, editada em Florença em 1593<sup>20</sup>. Ao todo, pelo menos, 16 edições em Itália e 3 em Espanha. Curiosamente, nenhuma edição da *Vida* desta princesa no seu país de origem, embora cá tenham sido feitas traduções parciais da mesma, incluídas em obras de âmbito mais vasto<sup>21</sup>, a que adiante aludirei. Haverá ainda que notar o «breve disegno della vita» da mesma princesa incluído por Ranuccio Pico na sua obra *La principessa santa, overo la vita di santa Elisabetta, regina di Portogallo*(...), Veneza, 1625<sup>22</sup>.

---

nal, 1993, p. 74. No entanto, neste repertório, a referência descreve a obra como sendo de Pérez de Valdivia e em formato 8º, o que não corresponde ao referido exemplar existente na B. N. de Lisboa, que é uma reedição - com a falta de uma folha do prólogo e das folhas 2 a 7 - da tradução de Alvarado, datada de Roma a 20 de Junho de 1580 e, como disse, em formato 24º. PALAU Y DULCET, *Manual del librero hispano-americano*, I, 255, nº 9109 refere uma edição em Madrid, en la oficina de los Blandiosos, 1591, 8º, de que não localizei nenhum exemplar.

<sup>17</sup> Diego PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro de la breve relacion...*, Barcelona, en casa de Hieronymo Genoues (no fim: en casa de layme Cendrat), 1587, 8º.

<sup>18</sup> *Relacion de la vida y Muerte Exemplarissima ... Con los Discursos morales, y espirituales del Doctor Diego Perez (...). Agora nueuamente añadidos y emendados*, Valencia, Miguel Sorolla, 1618, 8º.

<sup>19</sup> Giulio Zanchini da Castiglionchio traduziu diversas obras espirituais e morais espanholas, de que são exemplo *Il grazioso convito delle grazie sul Santissimo Sacramento dell'Altare* (...). de Francisco de Osuna, Veneza, 1598; o *Esercitorio della Vita Spirituale* de Jiménez de Cisneros, Florença, 1595; o *Trattato della perfetta maritata* de Luis de León, Veneza, 1595 e Nápoles 1598; o *Ritratto della Vita della Madona...* de Alonso de Villegas, Florença, 1593; o *Profitto spirituale* (...) de Francisco Árias, Veneza, 1595.

<sup>20</sup> Firenze, per Filippo Giunti, M D XC III.

<sup>21</sup> Cf. José Adriano de CARVALHO, *Uma carta de D. Maria de Portugal, Princesa de Parma e Piacenza*, in *Via Spiritus*, 3 (1996), 267.

<sup>22</sup> Ranuccio PICO, *La principessa santa, overo la vita di santa Elisabetta, regina di Portogallo, in cui si contengono vari esempi e documenti spirituali, morali e politici. Con un breve disegno della vita della serenissima Infante Dona Maria di Portogallo Principessa di Parma*, Venetia, Giovanni Gueriglio, 1625, 4º. Sobre este «breve desenho» veja-se nestas actas o artigo de Stefano Andretta.

2. Mas, antes de mais, importa reter o carácter de certa forma «duplo» - em resultado da reunião do texto de Maria e do testemunho de Morais - desta *Vita et morte*, que obriga à análise distinta dos dois textos, antes da consideração do conjunto da obra e das «leituras» que posteriormente dela foram sendo feitas.

A «scrittura» de D. Maria c um texto relativamente breve, como convinha para ser usado quotidianamente e, figuradamente, transportado no seu peito<sup>23</sup>. Um texto não muito ordenado e com algumas repetições - talvez em virtude do seu carácter algo enumerativo e da sua forma de «apontamentos» vários -, que começa com a preocupação básica com a salvação da alma e, conseqüentemente, com a necessidade de controle dos «inordinati appetiti»<sup>24</sup>, passando pela imprescindibilidade da oração diária - «almeno una meza hora la sera» (mais adiante alargou significativamente o tempo de oração, especialmente mental...<sup>25</sup>) - e por todas as obrigações de cristã, como, particularmente no seu estado, a prática da humildade, do desprezo das coisas terrenas e observância da lei de Deus<sup>26</sup>; pela acção de graças - que deveria fazer «ogni giorno cinque volte almeno, inginocchiata»<sup>27</sup> —; pela mortificação das paixões e pelas penitências diárias, acompanhadas de oração mental frequente - «almeno tré volte in giorno» - c de oração vocal<sup>28</sup>; pela prática de exercícios espirituais, da confissão e da comunhão<sup>29</sup>; pela assistência a missas<sup>30</sup>; pela observância da abstinência<sup>31</sup>; mas tudo isto sem esquecer as suas diversas ocupações - favorecendo, naturalmente, as «honestas» — e os seus deveres de princesa e de senhora da «casa». Assim, não só deveria procurar «con destrezza d'impedire i ragionamenti di mormorationi, et d'amore pernietosi», nomeadamente quando

---

<sup>23</sup> Assim o sugeriu Sebastião de Morais na sua *Lettera*. Veja-se *Vita et morte...*, ed. Cit., fl. 5r: «...accommodata in modo, che si poteua portare nel seno...».

<sup>24</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 5v.

<sup>25</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 5v. e 6v.: «Farò gran conto dell'oratione, & la farò mentale, almeno trè volte il giorno, cioè mez'hora la mattina, meza à Nona, & meza la sera; & oltre questo procurerò di farla ancora frà il giorno breue, frquente, & feruente».

<sup>26</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 5v,-6r e 7r.

<sup>27</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 6r.

<sup>28</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 6r.-v.

<sup>29</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 7r.

<sup>30</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 7r.

<sup>31</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 7r.

fosse visitada por outras pessoas<sup>32</sup>, mas também evitar toda a ociosidade - tanto frequente quanto considerada então muito perigosa nas mulheres, especialmente nas grandes senhoras -, pelo que se ocuparia «in lauorare de corporali, ò cortine, per ornamento del Santissimo sacramento, ò in leggere, ò vero ritornerò allo studio della sacra scrittura...»<sup>33</sup>, evitando também que se dançasse por sua causa<sup>34</sup>. Seria ainda «diligente» para que em sua casa houvesse «grande honestà», socorrendo-se de «persoe, che mi referirãno tutto quello, che sarà necessario, per prouedere all'honore delia famiglia» e para que aí não houvesse «tanta libertà di leggere, qual si voglia libro»<sup>35</sup>; não deixaria de tentar saber «come viuono i miei seruitori» e velaria para que não estivessem em pecado mortal, do mesmo modo que tudo faria para que houvesse ordem, por parte dos(as) servidores (as), no cumprimento das horas da casa<sup>36</sup>. Finalmente, seria obediente ao confessor, não deixaria de fazer quotidianamente, à noite, o seu exame de consciência<sup>37</sup>, tudo faria para pagar as suas dívidas - uma preocupação que manifestou com veemência no seu testamento<sup>38</sup> -, para praticar esmolas sem prejuízo do pagamento das dívidas, para evitar a vaidade e a cólera<sup>39</sup>. Termina com a lembrança do dever de não se intrometer nos «maneggi de frati, na d'altri Religiosi, per non impedire il frutto della loro obedientia»<sup>40</sup>.

Estes apontamentos - ou estas «memórias» - mostram não só a preo-

---

<sup>32</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 7v.

<sup>33</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 7v.

<sup>34</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 7v. «Non si ballerà mai per causa mia, anzi procurerò, quanto potrò d'impedirlo, & quando pure bisognerà farlo, se vedrò cosa, che stia male, liberamente riprenderò quelli, con chi mi parerà poterlo fare, & alli altri mostrerò con bel modo, che mi dispiace il loro procedere». Este «desejo» tem, obviamente, especial significado na boca de uma princesa...

<sup>35</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 7v.

<sup>36</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 8r.

<sup>37</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 8r.

<sup>38</sup> Veja-se Alberto DEL PRATO, *Il testamento...*, art. cit., 179-180: «Perchè i debiti et oblighi che ho in Portogallo et lascio al'ffante mia s.<sup>a</sup> sono d'importantia (...) ordino che della mia robba et d'i miei beni acquisiti si dia a S.A. diecidoto milia scudi, o tante gioie quanto è questa somma, accioche S.A. mandi satisfar ai legati, debiti et oblighi che lascio dechiarato, li quali si hanno da satisfare in Portogallo (...) et a S. Ecc.<sup>a</sup> et al sig.<sup>r</sup> Ducca priego mi vogliano far gracia, di mandar subito dopo la mia morte, pagar tutti i miei debiti ch'ho in Itália...».

<sup>39</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 8r.

<sup>40</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 8r.

cupação com o cumprimento dos deveres, por um lado, de cristã e, por outro, de princesa, mas também a necessidade de permanentemente os lembrar - por isso os tinha escritos - para lhes não faltar. Uma necessidade de lembrança que também ocorria com os seus próprios pecados...<sup>41</sup>. São, portanto, como atrás disse, uma espécie, simultaneamente, de *manual* e *memorial* da sua vida cristã e devota que não esquecia os deveres familiares e até cortesãos, com a função de a ajudar na busca do que o seu próprio confessor chamou - apesar da humildade da princesa - a sua «perfeição cristã» que não obrigava ao abandono das suas funções sociais e familiares. Segundo o testemunho de Sebastião de Moraes, «Ogni vno, che haurà visto, & praticato questa Serenissima signora, haurà anchor visto quanto ella diligentemente si sforzasse d'osseruare tutto il sudetto da lei raccollo, che seco portaua per ricordarselo; II che à me pare un uero ritratto della perfettione christiana, in vna Prencipessa»<sup>42</sup>.

O texto de Sebastião de Moraes, pretendendo corroborar e completar alguns dos aspectos da vida espiritual e moral (incluindo a familiar) da princesa - nomeadamente, a frequência da missa e da Eucaristia<sup>43</sup>, a ocupação em lavar ornamentos para o altar<sup>44</sup>, a confissão e comunhão frequentes<sup>45</sup>, a obediência ao confessor, a prática da esmola, a humildade, as leituras espirituais<sup>46</sup>, as mortificações e penitências secretas<sup>47</sup>, a frequência da oração e prática de devoções<sup>48</sup>, a vigilância dos bons costumes<sup>49</sup> e a sua honestidade<sup>50</sup> -, fornece outros elementos que não foram, compreensivelmente, registados por Maria. Alguns deles já haviam sido refe-

<sup>41</sup> Assim o testemunha o próprio Sebastião de Moraes, afirmando que «quando ella faceua la sera l'essamine della sua conscienza (il che vsò di fare fin da fanciulla) scriueua i suoi peccati, & quando si confessaua, li portaua svritti, notando il numero, etiam de minimi mancamenti...» (*Vila et morte...*, ed. cit., fl. 8v.).

<sup>42</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 8r.-v. Note-se que o autor não fala, genericamente, de «perfeição cristã», mas restringe-a a «vna Prencipessa». Porque o conceito e o ideal de «perfeição cristã», normalmente concretizado nos religiosos, era, por aquelas datas, bem mais exigente e complexo...

<sup>43</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 12v.

<sup>44</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 12v.

<sup>45</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 13r ev.

<sup>46</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 13v., 14r. e 18v.

<sup>47</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 14r e v.

<sup>48</sup> MORAIS, *Vila et morte...*, ed. cit., fl. 15r. e V. e 16r. e v.

<sup>49</sup> MORAIS, *Vita et morte...* ed. cit., fl. 18v.

<sup>50</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 20v.-21r. A sua honestidade levava-a.

ridos por aquele jesuíta numa carta escrita para um padre de S. Roque<sup>51</sup>, nomeadamente o medo dos hereges e a sua veneração das relíquias, de que dera provas muito notórias na sua viagem de Portugal para a Flandres e daí para Parma...<sup>52</sup> O testemunho de S. de Morais enaltece, de um modo muito notório e quase enfatizado, a sua ortodoxia - talvez deva dizer-se, o seu «contrarreformismo» -, salientando, concretamente, o seu zelo «di conseruar la purità della fede cattolica in se stessa, & negli altri», que a levava não só a manifestar reverência ao seu confessor e ao director de consciência, mas a nunca «dire oratione, ò fare alcuna diuotione, che le fosse insegnata, se prima non la facesse uedere al padre Inquisitore, ò uero ao proprio Confessore». E «Le orationi, & operine di diuotione scritte à mano le faceua sottoscriuere all'Inquisitore»<sup>53</sup>. Aliás, o seu medo da heresia terá ficado especialmente patente — como se compreende — na sua viagem para a Flandres, tendo pedido ao seu confessor que desse aos que regressavam para Portugal «alcuni ricordi del mondo, con che doueuan conseruarsi in quei paesi infetti di heresia, doue andauano»<sup>54</sup>. O seu afecto e devoção para com os santos, as imagens e as relíquias estavam, segundo Sebastião de Morais (que neles, visivelmente, se revia<sup>55</sup>), directamente ligados ao seu zelo da fé católica e à oposição firme e assumida aos herejes<sup>56</sup>. O que não deixa de ser muito significativo nesses anos pós-conci-

---

segundo o mesmo jesuíta - e os jesuítas mostraram, como se sabe, muito atenção aos problemas da leitura - a evitar as leituras que então faziam as delícias das damas e dos cortesãos, pelo que «Non leggeua mai libri, che trattassero d'amore, & à lei stessa ho sentito dire, che mai haueua letto no Petrarca, ne Furioso, se non vna ò due volte venti, ò trenta versi; di quà veniua, che tanto le dispiaceua, quando ne balli uedeua alcuni atti poço modesti, ò poço honesti, & ciò tanto l'affligeua, che molto ne patiuua, & per ciò non solo abhorriua il ballare, ma lo fugiuua».

<sup>51</sup> *Carta do Padre Sebastião de Morais de Parma pera hum Padre de Sam Roque a 12 de Agosto de 1566*, in *Memorial de Várias Cartas e Cousas de Edificação dos da Companhia de Jesus* (ed. de José Pinto), Porto, 1942, esp. 61-63.

<sup>52</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fls. 9r.-llr,

<sup>53</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 9r.

<sup>34</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 9r.

<sup>35</sup> Na citada *Carta* dirigida a um Padre de S. Roque, Sebastião de Morais demorou-se na descrição/enumeração de algumas igrejas e relíquias de Colónia, confessando mesmo que «Alguns Portuguezes furtauão outros tinham escrupulo mas de feito o furto eu lhe perdoaua». Quase reconhecendo também a sua tentação...

<sup>56</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 9r.-10v.: «De qui aueniua, che in quelle cose, nelle quali intoppano gl'heretici mostraua più affetto, & diuotione, come nella

liares<sup>57</sup>. O mesmo sucedia com a reverência da princesa aos hábitos das religiões e até mesmo o seu - pelo menos momentâneo, aquando da paragem da armada em Inglaterra -, desejo de martírio<sup>58</sup>...

Mas o testemunho de Sebastião de Morais - seguramente selectivo, talvez mesmo em virtude das suas próprias ideias e preocupações, mas também das características do género e dos respectivos propósitos edificantes - é particularmente interessante, pela consonância até com algumas das orientações pastorais da época<sup>59</sup>, quando fala das virtudes morais e das preocupações sociais e familiares da princesa. A sua ascese, o seu recato e modéstia feminina - partes integrantes do seu «disciplinamento» interior e exterior<sup>60</sup> - não a impediram de um certo envolvimento com a cidade, em resultado sobretudo do exercício das obras de misericórdia, retirando - são as palavras do confessor evocando também a fama pública - muitas «infelici meretrici» do pecado e dando-lhes um estado de vida aprovado<sup>61</sup>; fundando a «Casa delle Vergini preseruate, che sono figliuole

---

riuerenza de santi, & all'imagini loro...»; e, mais adiante (fl. 12r.): «da questo zelo della fede nasceua in lei la pietà, & diuotione, con tutte l'altre virtù...».

<sup>57</sup> Cf., em particular, Wolfgang BRÜCKNER, *La riorganizzazione della devotio dei fedeli nello stato confessionale post-tridentino* e Louis CHÂTELLIER, *Rinnovamento della pastorale e sovietà dopo il concilio di Trento*, in P. PRODI e W. REINHARD, *Il concilio di Trento e il Moderno*, Bologna, 1996, respectivamente, 187-223 e 137-158.

<sup>58</sup> Apenas uma vez foi referido por Sebastião de Morais o desejo de martírio expresso por Maria. Significativamente, aquando da passagem do navio por Inglaterra: «Era così uiua la fede in lei, che spesse volte accompagnaua il ragionamento della gloria, ò dell'inferno con le lagrime, onde trattandosi vna volta in Inghilterra mentre ch'ella staua sul mare, della sua smontata in terra, & dicendo alcuni Signori principali, che portaua pericolo, che gli eretici facessero qualche insulto, ella rispose, ò beata mè, s'io fossi maitire».

<sup>59</sup> Cf., em particular, Paolo PRODI, *Riforma interiore...*, art. cit.

<sup>60</sup> Sobre a importante questão da «disciplina» e do «disciplinamento» na Época Moderna veja-se, em particular, o já clássico artigo de Dilwyn KNOX, *'Disciplina': Le origini monastiche e clericali della civiltà delle buone maniere in Europa* (trad. do inglês), in *Annali dell'Istituto Storico Italo-Germanico in Trento*, XVIII (1992), 335-370, bem como Paolo PRODI (a cura di), *Disciplina dell'anima, disciplina del corpo e disciplina della società tra medioevo ed età moderna*, Bologna, 1994. Concretamente pata o «mundo» feminino, veja-se Gabriella ZARRI (a cura di), *Donna, disciplina, creanza cristiana*, ob. cit., esp. 5-391.

<sup>61</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 17v.: «...si sà communemente quante infelici meretrici ella hà cauato di peccato, delle quali molte ne sono, che viuono ne Monas-

de Madre di mala vita»<sup>62</sup>; ajudando (e vestindo) os necessitados<sup>63</sup> - e por isso «entrò nella Compagnia delle cinque piaghe delle Matrone, nel qual luoco si socorre à bisognosi infermi, & vi facea buone limosine, & il simile in altre Compagnie» —<sup>64</sup>; mandando fazer e imprimir «quella bella, & breue operina del modo di dire il Rosário, & fece ancora stampare vn'operina spirituale per mandarla in Portugallo ad alcunec persone diuote» - obras que, infelizmente, aquele jesuíta não identificou; defendendo as moças indefesas<sup>65</sup>; tentando fazer as pazes entre casados desavindos<sup>66</sup>; fomentando o ensino da doutrina cristã às meninas e «à dette parochie sua Altezza vi andaua in persona, hor in un luoco, hora in vn altro»<sup>67</sup>; e muitas outras ajudas e atenções, sobretudo, aos pobres, bem «notórias na cidade»<sup>68</sup>.

E porque a princesa era, antes de mais, mulher, o confessor quis enaltecer a sua modéstia e honestidade com que muito se preocupava<sup>69</sup>, tentando difundir a sua prática junto de todas as mulheres, já que ela própria, repetindo argumentos e modelos que se vinham multiplicando em diversas obras morais e educativas<sup>70</sup>, «soleua alcuna volta dire, quando che ripren-

---

terij religiosamente, altre che si sono maritate, altre messe ad honesti seruitij; in ques t'opere molto s'occupaua, & volentieri, ne mancaua d'interporre la sua autorità, & fauore in cosi sante opere, quand'era ricercata».

<sup>62</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 17v.

<sup>63</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 19r.-v.

<sup>64</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 18r.

<sup>65</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 18v.

<sup>66</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 18v.: «...& col suo mezo, & con la sua autorità si sono pacificate molte famiglie, & d'importanza».

<sup>67</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 18v.-19r.

<sup>68</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 19v.: «... per che il fare simili opere è notissimo nella Città non dirò altro in questo soggetto».

<sup>69</sup> Veja-se, *supra*, notas 28, 30 e 46.

<sup>70</sup> Desta questão me ocupei no livro *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica - 1450-1700*, Porto, 1995, esp. 101-142 e, sobre um caso específico, no artigo *Francisco de Monzón e a «princesa cristã»*, in *Espiritualidade e corte em Portugal - séculos XVI-XVIII* (actas do colóquio - Maio 1992), Porto, 1993, 109-121. Interessantes perspectivas se encontram em Maria Ludovica LENZI, *Donne e Madonne. L'educazione femminile nel primo rinascimento italiano*, Torino, 1982 (que inclui uma antologia de textos) e, sobretudo, em Gabriela ZARRI (a cura di), *Donna, disciplina, creanza cristiana dal XV al XVII secolo..* ob. cit..

deua alcuna delle sue Donne, ò altra, alla Donna non solo conuiene, che sia casta, mà ancora, che ella appaia casta»<sup>71</sup>.

Contudo, o esforço de observância destas virtudes tão femininas e até a sua fragilidade física não lhe diminuiram, segundo Sebastião de Morais, a virtude da prudência, essencial na (re)construção deste modelo de princesa cristã, tornando-a capaz de suprir com toda a dignidade e autoridade a ausência do príncipe. Talvez graças à vasta cultura que levava já da sua cuidada educação em Portugal, também nesta virtude, considerada tão própria quanto necessária aos príncipes, foi D. Maria apresentada como um exemplo que a todos admirava e alegrava<sup>72</sup> - e que continuaria a admirar, a crer no encómio que dela faz Duarte Nunes de Leão na *Descrição do Reino de Portugal*, onde, das poucas coisas que salientou desta princesa, registou a admiração pela sua prudência<sup>73</sup>...

E se a prudência da princesa era exercida com inteligência, as suas responsabilidades e os afectos de mãe parecem nunca ter sido esquecidos

---

<sup>71</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 20v. E, talvez por isso, «trattaua le Citadine, & Gentildonne della Città, ch'erano date allo spirito, & alla diuotione con molta amoreuolezza, & familiarità, & diceua che quelle erano le sue amiche, & questo per incitare l'altre ad essere simili...» (fl. 18r.).

<sup>72</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 23r.: «...nella qual virtù ella era giudicata da tutte le persone che l'hanno praticata prudentissima, il che ha in diuerse occasioni mostrato, particolarmente nell'absenti de gli Illustrissimi, & Eccellentissimi Signori Duca, & Prencipe, gouernando lei li staci, con singolare giuditio, & prudentia, & con integrissima giustitia, il che era con stupore del consiglio; & gouernaua con tanta humanità, & destrezza, che i popoli ne restauano contentissimi». Sobre a valorização desta virtude na Época Moderna, cf. Giulio SODANO, *Prudenza e santità nell'età moderna*, in C. CONTINISIO e C. MOZZARELLI (a cura di), *Repubblica e virtù. Pensiero politico e Monarchia Cattolica fra XVI e XVII secolo*, Roma, 1995, 151-176.

<sup>73</sup> Duarte Nunes de LEÃO, *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa. Jorge Rodrigues, 1610, cap. 89: «Do valor & animo das molheres Portuguesas», fl. 145r. e v. Evo-cando o exemplo desta princesa, D. Nunes de Leão apenas refere que «por sua sanctidade & grãde religião se pode cora muita razão referir no catalogo dos sãctos deste reino, perque perpetuamente serà lembrada em Italia, & por grande prudencia com que gouernou aquelles estados de Parma & Plazencia nas absencias do Príncipe seu marido: de cuja inteireza & sabedoria os do seu conselho se espantauão & do grande juizo com que trataua & despachaua as cousas da justiça, perque todos os subditos daquelles estados erão contentissimos. Perque nella achauão os poderosos & grandes justiça & inteireza, os pequenos clemencia & igoaldade, os maos castigo, os bõs fauor & premio, & todos abrigo & amparo».

e, talvez por isso, também as não esqueceu o seu biógrafo. Mantendo e alimentando uma forte ligação afectiva à sua família que ficou em Portugal (sobretudo à mãe<sup>74</sup> e ao irmão<sup>75</sup>) - ligação que, contrariamente aos cânones do género hagiográfico, Sebastião de Morais não omitiu nem diminuiu -, D. Maria sustentava uma fortíssima ligação afectiva aos filhos, particularmente dramatizada nas suas últimas recomendações ao marido sobre a educação destes, a Ranuccio e a Margherita<sup>76</sup>, na linha, aliás, das preocupações manifestadas já no seu testamento em 1575<sup>77</sup>.

Particular e compreensivelmente minuciosa é a evocação que Morais faz da última enfermidade de D. Maria e da sua cuidada preparação para a morte. Visivelmente, o confessor -juntamente com outros clérigos e religiosos cuja presença era do agrado da princesa - acompanhou-a muito de perto e sem abandono nestes últimos meses, de que evoca pormenores significativos e também fundamentais para a conclusão do quadro de «per-

---

<sup>74</sup> Quando soube da morte da mãe, «mostrò grandezza d'animo, accompagnata de grã tenerezza...», mas «Si può dire che questo auiso cominciassse à fare inpressione nell'animo suo della caducità delle cose mortali, che venne in persuasione di se stessa di hauere à viuere poco...» (*Vita et morte...*, ed. cit., fl. 21v.). E confidenciou ao confessor que «all'hora moriua volontieri per uarij rispetti, de quali vno era per vedere, & conuersare in Cielo con la Madre...» (fl. 22r.).

<sup>75</sup> D. Maria tomou conhecimento da morte do seu irmão D. Duarte quando estava enferma e S. de Morais conta os cuidados e os receios que todos tiveram na transmissão de tal nova, omitida durante alguns meses, «hauendo l'Illustrissimo Signor Principe fatto vsare gran diligenza, acciò che per nessuna via li fosse scoperta, tenendosi per certo, che questa accerba nuoua fosse bastante à darglie morte...» (*Vita et morte...*, ed. cit., fl. 23v.). Mesmo aceitando com paciência e resignação cristãs tal nova - para não ser «ingrata à Dio» -, o confessor deu conta do sofrimento interior de Maria, lendo-lhe, a seu pedido, «una longa lettera scritta sopra la vita, & morte di detto Signore...». Depois de a ouvir atentamente, «disse è tempo, ch'io m'apparecchi per andare à ritrouarli...» (fl. 24r.).

<sup>76</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 25r.-v. É certo que, para melhor se preparar para a morte, e de acordo com os cânones das *artes bene moriendi*, D. Maria, nos últimos dias de vida, «Non volse che i figliuoli li uenessero piu auanti...» (*Vita et morte...*, ed. cit., fl. 26v.).

<sup>77</sup> Veja-se Alberto DEL PRATO. *Il testamento...*, art. cit., esp. p. 178-9: «Ben conosco esser cosa superchia ricordar al Principe mio s.<sup>e</sup> et al sig.<sup>f</sup> Ducca l'educatione de li miei figlioli, ma l'amore che gli pono m'obliga a priegare particularmente a le Ecc.<sup>cie</sup> loro, come cosa che più ho avanti li ochj et più desidero, che siana alevati in grande timor di Dío nostro sig.<sup>te</sup> et ancor che mi paia disnecessario raccomandar mia figliola Margarita al Principe mio s.<sup>te</sup> suo padre, a Madama e al sig.<sup>f</sup> Ducca suoi avi...».

feição cristã» desta Princesa, coroada por uma morte santa, «restando col volto sereno» e andando «all'eterno riposo»<sup>78</sup>.

3. Por tudo isto - e por muitos outros aspectos, pormenores e matizes da «Vida» que não cabe aqui examinar exaustivamente -, a *Vita et Morte della Serenissima Prencipessa di Parma et Piacenza* apresenta-se - melhor, ter-se-á apresentado na época - como um texto extremamente sugestivo e rico, principalmente naquelas décadas de afirmação da Contra-Reforma e de esforço reformador e disciplinador da vida cristã dos leigos (em especial, das mulheres), a partir de pautas sociais apoiadas na imagem e função que se cria e desejava exemplar de príncipes, princesas e grandes senhores(as)<sup>79</sup>.

A rápida e diversificada circulação da *Vida* de D. Maria parece ter pretendido, em primeiro lugar, traduzir e «fixar» a fama das virtudes da Princesa, que outros testemunhos (por exemplo, elogios fúnebres<sup>80</sup>) também evocaram. Mas essa circulação contribuiu também, decisivamente, para a reconstrução e divulgação mais ampla da memória, da fama das virtudes e do *exemplo* de Maria de Portugal - que, curiosamente, apesar do carácter encomiástico da *Lettera* tão próximo dos textos hagiográficos, não chegou a ser chamada de santa pelo confessor<sup>81</sup>. Porque a *Lettera* de Sebastião de Moraes também visava, claramente, a transformação da evocação

---

<sup>78</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 26 e ss.

<sup>79</sup> Talvez convenha lembrar que a corte portuguesa de D. João III (tio de D. Maria) e de D. Catarina parece ter alimentado - fazendo-se eco de influências humanistas da época - a divulgação da imagem modelar do príncipe e da princesa concretizada no apoio a obras doutrinárias, de que são um exemplo muito significativo as de Francisco de MONZÓN, em particular o *Libro Primero* (1544) e o *Libro Segundo del Espejo del Principe Christiano* (c. 1539) e o *Libro Primero del Espejo de la Princesa Christiana* (c. 1539). Sobre o autor e as obras permito-me remeter para M<sup>a</sup> de Lurdes Correia FERNANDES, *Francisco de Monzón, Capelão e Pregador de D. João III e de D. Sebastião*, in *Lusitânia Sacra*, 2<sup>a</sup> série, 3 (1991), 39-70; e Id., *Francisco de Monzón e a 'princesa cristã*, art. cit., 109-121. Veja-se, igualmente, Ana Isabel BUESCU, *Imagens do Príncipe. Discurso normativo e representação (1525-49)*, Lisboa, 1996 e José Manuel Marques da SILVA, *O «Libro Primero del Espejo de la Princesa christiana» de Francisco de Monzón. Imagens da princesa e da dama na corte modelar de D. João III* (dissertação de Mestrado em História da Cultura Portuguesa - Época Moderna, 2 vols. polic). Porto, 1997 (Edição do texto e estudo introdutório).

<sup>80</sup> Veja-se, nestas *Actas*, o artigo de Stefano ANDRETTA sobre as representações de Maria de Portugal nos elogios fúnebres contemporâneos.

<sup>81</sup> Só autores posteriores - e não será tal facto culturalmente muito significativo? - a começaram a chamar, de um modo claro, de «santa», nomeadamente o teatino André

da memória da Princesa, da sua vida e da sua morte, num exemplo não só para os (talvez, melhor, as) que a conheceram, mas também para os e as que, não a tendo conhecido, se quisessem rever, naqueles importantes anos depois do encerramento do Concílio de Trento e de afirmação da Contra-Reforma/Reforma Católica, nesse espelho de vida espiritual e moral que articulava harmoniosamente os deveres familiares e até sociais de uma princesa (que morreu no estado de casada) com as práticas devotas e os exercícios espirituais conducentes - socorro-me das palavras de Sebastião de Morais - à «perfettione christiana, in vna Principessa». Portanto, uma «perfeição cristã» que podi am procurar seguir, à sua imagem, todos os cristãos<sup>82</sup> e, em particular, todas as outras mulheres que viviam no século...<sup>83</sup>.

E, assim, evocando e divulgando uni exemplo, também criava um

---

Avelino «il cui epistolario documenta una direzione spirituale esercitata con particolare continuità e coerenza a beneficio di membri delle più illustri casate nobiliari italiane del suo tempo» (Adriano PROSPERI, *Dall'investidura papale alla santificazione del potere. Apunti per una ricerca sui primi Farnese e le istituzioni ecclesiastiche a Parma*, in M. A. ROMANI, (a cura di), *Le corti farnesiane di Parma e Piacenza (1545-1622)*, vol. I - *Potere e società nello stato farnesiano*, Roma, 1978, 184. Sobre a relação de André Avelino com D. Maria veja-se, nestas actas, José Adriano de CARVALHO, *A correspondência de S. André Avelino com Maria de Portugal*. Sebastião de Morais, ainda que convencido da «perfeição» das suas virtudes, como diversas vezes afirmou e o demonstra o próprio teor da «Lettera», foi bastante prudente - não se deverá esquecer que terminou a carta apenas oito dias depois da morte da princesa, regressando em breve a Portugal -, não registando, por exemplo, qualquer tipo de veneração pública à princesa no momento da sua morte... Mas outros autores posteriores já evocaram o nome da princesa referindo expressamente a sua «fama sanctitatis». Duarte Nunes de LEÃO achou, em 1610 na citada *Descrição do Reino de Portugal*, que deveria ser incluída no «catalogo dos sanctos deste reino»; o Pe. Amónio de VASCONCELOS na obra *Anacephalaoses, id est, Summa Capita Actorum Regum Lusitaniae*, Antuerpiae, apud Petrum & Ioannem Belleros, 1621, 527-8, disse-a em «sanctitate aemulata»: e, claro, assim a considerou Ranuccio PICO no «breve retrato» incluído na já citada obra *Principessa Santa* (1625).

<sup>82</sup> Note-se que S. de Morais conclui a obra com uma espécie de súplica: «Piacia à nostro Sig. GIESV Christo, concedere gratia à ciascuno di noi, di viuer cosi santamente in questo mondo, che poliamo renderei meriteuoli di riuederla in cielo, doue dobbiamo sperare, che hora se ne trionfi questa Signora, Per misericordia del Sig. Dio...» (*Vita et morte...*, ed. cit, fl. 28v.).

<sup>83</sup> Veja-se, para a mesma época, Lúcia AIELLO, *Laici nella Milano Borromaica: Giovanna Anguillara e la fondazione del Monastero di S. Barbara*, in *Archivio Storico Lombardo*, Anno CXIX, serie undecima, vol. X (1993), 459-474. Para uma perspectiva mais ampla, cf. Danilo ZARDIN, *Il rilancio delle confraternite nell'Europa cattolica*

modelo relativamente multifacetado e, conseqüentemente, passível de «imitação» por diversas franjas sociais, privilegiando as mulheres nobres, mas não excluindo, em geral, todas as devotas - facto especialmente notório e acentuado nas dedicatórias femininas de grande parte das edições.

A dedicatória da edição de Bolonha de 1578 é particularmente interessante e sugestiva, nomeadamente por ser de «gli huomini dell'Oratorio della Chiesa Cathedrale di San Pietro di Bologna alle nobili & diuote Madonne della compagnia della Communioni di detta Chiesa»<sup>84</sup>. Mesmo sem entrar aqui pelo estudo da «Compagnia della Communioni» daquela Catedral, interessa notar, antes de mais, o facto de a *Vita et morte della Serenissima Principessa di Parma et Piacenza* ter sido vista com uma utilidade especial para as nobres e devotas mulheres daquela «Compagnia», depois que o «libreto» de Sebastião de Morais foi «à questi giorni (è) letto nell'Oratorio nostro» e, pelo reconhecimento do seu interesse e utilidade, «è stato giudicato dalli diuoti fratelli (...) che tal scrittura debba esser posta in luce, nõ solo per conseruare publica memoria di cosi raro essemplio, accaduto si puó dire ne gli occhi nostri per la vicinanza, & cõmercio che tengono quelle Città insieme, ma ancor acciò da essa si possono tanto piu eccitare le nostre honorate gentildonne, & quelle d'altri luochi, che la leggerãno, hà volersi adornare di quegli acconci, & preciose vesti, & uere gioie de quali essa sempre tanto si mostrò vaga, & onde lo splendore suo gionse al cielo»<sup>85</sup>.

Deste modo, o exemplo desta Princesa foi considerado tanto mais importante quanto era «ella nata di sangue Regio, Principessa di stato si illustre, & collocata in Principe cosi grande, oltri infinit'altre circõstantie grauissime» e que, no entanto, havia «con tanta riueranza frequentate le Chiese, cosi osseruati li giorni festiui, con tanto feruorce adopratasi nella disciplina christiana delle Putte, si affetuosamente riceuti, & accarezzati i pouerelli, ragionato, & ascoltato sempre cosi volontieri, & con tanta humiltà, & diuotione delle cose di Dio, con mille altre notabili essemplii, di che è piena tutta la città sua»<sup>86</sup>. Com este alto exemplo - «cosi viuo, cosi fresco, & cosi notabile» - desejavam e esperavam os homens daquele «Oratório», com a aprovação e a satisfação do seu Bispo, que ele pudesse

---

*cingue-seicentesca*, in C. MOZZARELLI e D. ZARDIN (a cura di), *I Tempi del Concilio. Religione, cultura e società nell'Europa tridentaria*, Roma. 1997, 107-144.

<sup>84</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 1r.

<sup>85</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 4r.

<sup>86</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 4r.

«nõ poco giouare ne gli animi ueramente nobili», e por isso deliberaram «publicare questa scrittura dicciarandola à voi nobilissime, & deuotissime Madonne» para que «mediante la charità, & grandezza del Spirito, che Iddio vi è dato, possiate più facilmente insinuarla all'altre, & da esse con l'esempio vostro sia più prontamente abbracciata, seruendosi ciascuna di essa, como di specchio, doue per l'auenire remiri se stessa, & scoprendosi qualche discrepãtia, cerchi emendarla, acciò raffetata tutta la vita loro, ne resti il Signor Dio glorificato...»<sup>87</sup>.

Curiosamente ainda, a reedição, nesse mesmo ano, desta *Vita et morte...*, feita em Milão por Pacifico Pontio a mando do Cardeal Carlos Borromeo, dedicada pelo impressor «All' Ill.ma et Ecc. Signora, la Signora Donna Anna de Corduba, Marchesa d'Ayamonte, Governatrice di Milano». pretendeu corroborar e alargar aquelas intenções, justificando P. Pontio esta edição (a dedicatória traz a data de 4 de Abril de 1578) por considerar «dover esser cosa molto gioueuole il darla in luce per qual si uoglia persona; et massime per le molte, et nobili Signore di questa Città, o qual si voglia altra, per il raro essemplio delle uere, et reali uirtù di una cotanto nobile Signora»<sup>88</sup>.

Assim, a *Vita et morte* de Maria de Portugal assumia, como tantas outras «vidas» e obras doutrinárias daquele século, a função de «espelho» que se esperava tanto mais eficaz quanto reflectia uma imagem que todos sabiam ainda tão «viva», tão «fresca» e tão «notável»... Um espelho que, como todos os espelhos, deveria reflectir as imagens multiplicando-as, vivificando-as em outras mulheres nobres para que, através destas, elas chegassem a um número e qualidade cada vez mais vastos de outras mulheres devotas - talvez conviesse dizer também «católicas»<sup>89</sup> - que as quisessem imitar ou que nelas encontrassem a razão para refazerem - que o mesmo era dizer, *reformarem...* - «tutta la vita loro»...

Tanto assim parece ter sido que a própria edição da tradução castelhana realizada por Francisco de Alvarado<sup>90</sup>, impressa duas vezes em Roma em

---

<sup>87</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, ed. cit., fl. 4r.

<sup>88</sup> MORAIS, *Vita et morte...*, Milano, Pacifico Pontio, 1572, 12º, fl. 2r.

<sup>89</sup> Apesar de poder parecer redundante, não se poderão perder de vista os traços as sumidamente contrarreformísticos de várias passagens desta *Vita et morte*, que realçara a manifestação de uma forte «consciência católica» por parte de D. Maria.

<sup>90</sup> Penso que este Francisco de Alvarado era o mesmo autor (melhor, tradutor) da obra *Frutos admirables de los que hazen Limosna*, Roma, Bartholome Bonsadino, 1586

1580, abriu com uma dedicatória do tradutor a D. Ana de Aragão, Duquesa de Frias, evocando como a Princesa de Parma era não só «clara por el resplandor de la sangre real, y por otras muchas calidades de aquellas, que dan mayor marauilla al mundo», mas, principalmente, «clarissima, por la egregia piedad para con Dios: por la charidad y mansedumbre con los inferiores; y por el ardentissimo estudio de la perfection espiritual, en la qual exercitandose y perseuerando constantemente hasta el fin, ha mostrado, que la buena y sancta vida, y la vida espiritual no (como muchos creen) conuiene solamente a personas simples, y de baxa condicion: antes pertenesce mucho mas a las personas nobles, y de alto estado, las quales puestas de Dios en lugar sublime y eminente, y por esta causa miradas e imitadas de todos, tienen grandissima obligacion de atraer a los otros ala virtud y religion»<sup>91</sup>... Uma ideia quase tópica, presente em muitos espelhos de príncipes e de princesas anteriores, mas que, alguns anos mais tarde, ainda retomou e desenvolveu Diego Pérez de Valdivia na sua edição comentada desta tradução castelhana.

4. A tradução castelhana de Francisco de Alvarado - sem falar de outras possíveis traduções, como a que, em manuscrito, se conserva na Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora e que difere (estilisticamente sobretudo) daquela<sup>92</sup> - foi, como atrás disse, editada duas vezes em Roma em 1580, reeditada em Madrid em 1591, certamente para uma maior acessibilidade do público espanhol ou mais familiarizado com a língua castelhana. Daquela tradução e edição se aproveitou o célebre e - ao que disse o seu primeiro e principal biógrafo<sup>93</sup> - dilecto discípulo de S. Juan de Ávila, o P. Diego Pérez de Valdivia. Dedicando o seu *Libro de la breve*

---

(tradução de diversos textos, em especial do *Prado Espiritual* de L. Lipomano), obra dedicada à Imperatriz D. Maria de Áustria. Nessa obra é apresentado como Arcediago de Birviesca e Protonotário Apostólico.

<sup>91</sup> *Vida y Muerte dela Sereniss. Princesa de Parma y Plasencia*, Roma, hereditos de António Blado, 1580, dedicatória, 3-4.

<sup>92</sup> *Cana que escribio el reuerendo padre confessor dela serenissima Princesa de Parma y Plazencia a una señora principal sobre la uida y muerte de S. A, fecha en Parma a 15 de Julio de 1579*, B.P.A.D.E, Cód. CIV/1-17, transcrito e publicado na colectânea *D. Maria de Portugal (1538-1577). Princesa de Parma. Monumenta Sparsa*, Porto, C.I.-U.H.E., 1998, 141-157.

<sup>93</sup> Lic. Luis MUÑOZ, *Vida y virtudes del Venerable Padre el Dador Diego Pérez de Valdivia*, in *Vida y Virtudes del Venerable Varon el P. Maestro Iuan de Ávila Predicador Apostolico* (1ª ed. Madrid, 1535), ed. de Luis Sala Balust, Barcelona, Juan Flors, 1964, 353-376.

*relacion de la vida y muerte exemplarissima de la princesa de Parma de Felice memoria* «a los Ilustres Señores don Iuan Pablo Malendric y doña Maria Malendrica y de Sinistierra», confessou que, em virtude de haver no «librito» de Sebastião da Morais «tãtas y buenas doctrinas (...) y de tanta edificacion» e de ser «conoscido y recebido de muchas personas nobles»<sup>94</sup>, lhe parecera que, além de lho terem pedido «algunos deuotos, que lo leyeron», deveria «exornarlo con algunas anotaciones, y corroborarlo con algunas respuestas a lo *que* los floxos y tibios suelen opponer contra semejante doctrina; para *que* se aprouechen los lectores y oyentes mejor»<sup>95</sup>. Assim, esta seria uma obra tanto para ser lida como para ser «ouvida». E este «ouvida» pode reportar-se tanto a uma leitura colectiva, em voz alta — por exemplo, em ambientes familiares —, como ao ouvir na pregação. E, a crer no elogio deixado por aquele biógrafo, era Pérez de Valdivia um famoso, influente e eficaz pregador por aqueles anos<sup>96</sup>.

Para facilitar tanto a leitura como a consulta (ou leitura parcial) da obra - cuja «desordem» reconhecera o próprio Sebastião de Morais e notou este pregador<sup>97</sup> - numerou os parágrafos e incluiu no final um índice temá-

---

<sup>94</sup> Diego PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro de la breve relacion...*, Barcelona, Hieronymo Genoues (no fim: en casa de Jayme Cendrad), 1587, dedicatória, s. n.

<sup>95</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro de la breve relacion...*, ed. cit., dedic., s. n.

<sup>96</sup> Lic. Luis MUÑOZ, *Vida y virtudes del Venerable Padre el Doctor Diego Pérez de Valdivia*, ed. cit., esp. 362-367: «Su principal ejercicio fue la predicación, sin faltar casi todos los domingos y fiestas de entre año, y las cuaresmas enteras. Su modo de predicar fue a lo apostolico, con un espíritu y fervor tan grande, con un celo tan de la primitiva Iglesia, que parecía un Elías; era en el púlpito un león (...). Este su modo de predicar, tan rígido, hizo increíble fruto, reformó aquel reino, mejoráronse costumbres, y se vió Cataluña tan llena de virtudes, cual nunca en los siglos que pasaron, ni se han visto en los que se siguieron. Ganó la voluntad de los buenos, y tan gran autoridad y crédito que, en la ciudad y todo el principado, le llamaban «el apostólico» (...)» (p. 163). Sobre este pregador veja-se também Álvaro HUERGA, *Historia de los Alumbrados*, vol. II. Madrid, 1978, 175-201.

<sup>97</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro...*, ed. cit.. «Prefacion y argumento en este libro, y en las anotaciones, y cõfirmaciones desta doctrina», s. n.: «Quien escriuió este libro de la vida y muerte de la Princesa de Parma (...) guardo la methodo y ley de escriuir cartas: que es, contar como hystoria todo lo, que ala memoria le occoria distinciamente, teniendo cuenta en el successo dello, sin estar atado al orden, que corresponde a la naturaleza de las matérias...». Por isso, para ser «apazible, y sabroso al lector, entender el orden desta carta, y tener como vna tabla de toda ella» sem alterar a ordem nem o conteúdo do texto original, numerou as diferentes «materias» e, «a ruego de algunos amigos», acrescentou-lhe anotações e traduziu as passagens latinas, de difícil compreensão para os mesmos doutos...

tico, para que o leitor nela visse «vna hermosa floresta: en la qual hallara la declaracion de muchas doctrinas importantissimas, que en este libro se apuntan. Y hallara respuesta a muchas dudas, o objectiones que se podian ofrecer». Assim, seria «este libro como vn jardin de muchas y diuersas flores de doctrinas vtilis, y que ordinariamente se ofrecen», em estilo «facil y llano», já que o seu objectivo principal era «enseñar, y exhortar a obrar»<sup>98</sup>.

Deste modo, os objectivos que, nas edições italianas da *Vita et morte...*, se perfilavam num segundo momento - a transmissão do modelo da princesa às mulheres nobres e, através destas, a todas as mulheres devotas - é, simultaneamente, assumido, alargado e doutrinariamente concretizado nesta edição anotada - que, em muitas passagens, significa explicada ou moralizada - por Pérez de Valdivia. Os seus propósitos terão tido algum eco, já que Fra Giulio Zanchini da Castiglionchio, como atrás se disse, decidiu traduzir para italiano e fazer editar, em Florença em 1593, esta obra anotada (dedicando-a igualmente a uma mulher casada, a «Illustrissima, et eccellentissima Signora Olimpia Aldobrandini»). E no prólogo do «traduttore al lettore», em que retomou várias das justificações de Pérez de Valdivia, considerou estarem estas «Annotazioni» «piene di dottrina veramente cattolica, e cristiana» e de «dotti ammaestramenti, con sana, e gioueuole dottrina all'anima tua, in molti capi di vtilissime considerazioni»<sup>99</sup>. E, quase três décadas mais tarde, saiu outra edição em Valença, pelo impressor Miguel Sorolla que a dedicou «A la Illustrissima, y excellentissima Señora Dona Francisca de Cordoua y Cardona Duquesa de Feria» - antes da partida desta para Milão -, não só porque (desconte-se a retórica...) «por la misericordia de Dios la imita», mas também por ter «autoridad para hazer que la dotrina que en ella se enseña de edificacion y prouecho espiritual sea admitida y estimada por las personas nobles, y que assi a imitacion dellas la abracen y sigan las demas...»<sup>100</sup>.

---

<sup>98</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro.....* ed. cit., «Prefacion», s. n. A mesma explicação foi retomada no final da obra, na «Peroracion» que serve de conclusão (fls. 161v.-162v.): «He tractado en estas anotaciones, por offecerle occasion, de muchas y diferentes materias y dudas que se ofrecen: porque pueda seruir este libro de vn spiritual jardin. en el qual pueda el buen lector coger muchas y diferentes flores y fructos para su prouecho y de sus proximos. Finalmente he mostrado, quan possible y razonable sea, que todos imiten a esta señora, aprouechando se cada vno su estado y condicion, de lo que bien le esta...».

<sup>99</sup> G. Zanchini da CASTIGLIONCHIO, *Annotazioni...*, ed. cit., s. n.

<sup>100</sup> *Relacion de la vida y muerte....* Valencia, 1618, dedicatória, s. n.

A quantidade e a diversidade das anotações de Pérez de Valdivia impedem, no quadro desta comunicação, uma análise exaustiva das mesmas. Mas em todas é bem visível o esforço explicativo e reiterativo dos diversos parágrafos da *Carta* de Sebastião de Morais, quase sempre em grupos com afinidades temáticas, que revelam tanto a preocupação catequética e moral do pastor de almas como a do pregador contrarreformístico que, desfazendo dúvidas e apoiando-se no alto exemplo da princesa, tentou explicar, a modo de divulgação, diversos aspectos da doutrina e moral católicas que, por aqueles anos, adquiriam especial relevância.

Significativamente, o primeiro comentário deste pregador aos dois parágrafos que abrem a *Lettera* é já uma conclusão (além de uma breve síntese), reiterada em diversas passagens da obra: «Estimemos pues las obras desta Señora tan catholicas, y tan pias: y juntamente ponderemos el grande espiritu, que tenia: y que actos de humildad, de charidad, de mortificacion, y de todas las virtudes produziria dentro de su coraçon la que en medio de tanto poluo de honra, tantas espinas de riquezas, tanta abundancia de todas las cosas del mundo, tenia tanta oracion, hazia tanta penitencia, exercitaua tantas buenas obras de humildad, charidad, y honestidad, y frquentaua tanto los sacramentos. Y lloremos nuestros tiempos en parte tan perdidos: en los quales casi por la mayor parte en las Señoras, y en las no Señoras vemos tanta falta de todo. Y aprendan todas las mugeres de buen entendimiento principalmente: que la verdadera nobleza es la vida recogida»<sup>101</sup>.

Claro que haverá que ter presente o enquadramento desta obra - do seu método, dos objetivos expressos e também do(s) seu(s) significado(s) - no conjunto das outras obras de Pérez de Valdivia<sup>102</sup>. Até porque, com muita frequência, ele se lhes refere ou para elas remete quando aborda aspectos nelas contidos e mais desenvolvidos. É o caso, por exemplo, do «librito dela frecuencia del sacramento» (da comunhão)<sup>103</sup>; de «vn tratado

---

<sup>101</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro...*, ed. cit., fl. 2.

<sup>102</sup> Para uma visão geral dessas obras veja-se o «Estudio preliminar» de Juan ESQUERDA BIFET à edição de Diego PÉREZ DE VALDIVIA, *Aviso de Geme Recogida*, Madrid, 1977, 17-53.

<sup>103</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro...*, ed. cit., fl. 17r. Deve referir-se ao *Tratado de la frequente Communion y medios para ella* (...) que no Privilégio real deste Libro vem elencada como obra já impressa (Barcelona, Jayme Cendrat, 1557). Mas também poderá ser a *Vida nueva para las almas que quieren confesar bien y comulgar dignamente, determinandose de no enojar mas a Dios, y perseuerar en su gracia...*, Barcelona, Jayme

bien largo, que trata dela frecuencia del sanctissimo sacramento»<sup>104</sup>; do «libro delas mascarar»<sup>105</sup>; do «camino y puerta para la oracion»<sup>106</sup>; de um «tractado, que tengo escripto de la passion de Iesu Christo nuestro Señor»<sup>107</sup>; de «vn tractadico» sobre a confissão geral<sup>108</sup>; do «Aviso de recogidos»<sup>109</sup>; e do «libro que se llama vida nueua»<sup>110</sup>.

No conjunto das suas obras, aquele *Libro (...) de la Vida y Muerte exemplarissima de la princesa de Parma* apresenta-se relativamente singular, não perdendo, contudo, o carácter de complemento - até por estar dedicado a dois casados - em relação às outras obras aparentemente mais «espirituais». E, pelas suas próprias características - decorrentes das anotações a um texto prévio já de si bastante compósito - resultou, por isso mesmo, muito diversificado e, deve dizer-se, nada ordenado. Mas este aparente «defeito» talvez tenha sido visto como uma vantagem, porque permitia ao autor, usando o exemplo especular da Princesa de Parma e escudando-se na variedade e (des)ordem do testemunho de Sebastião de Moraes, articular aspectos e matérias diferenciadas que uma obra temática e mais sistemática não permitiria facilmente. Deste modo, subdividindo e numerando os parágrafos do texto da *Vida* princesa (buscando-lhe assim uma

---

Cendrat, 1586 (também citada na fl. 142r., a propósito da confissão geral, e na fl. 158r. a propósito da articulação da vida cristã com as obrigações sociais).

<sup>104</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro...*, fl. 56r. Deve referir-se ao mesmo *Tratado de la frecuente communion y medios para ella* (...), Barcelona, 1587.

<sup>105</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro...*, ed. cit., 69. É a *Plática o lección de las mascarar, en la qual se trata si es pecado mortal o no, el enmancarse, y se ponen en ella principios y reglas generales para juzgar semejantes obras si sou pecado mortal, como son ir a representaciones, fiestas, saraos, paseos, bailes, galas, pinturas, juegos, convites, y todas recreaciones...*, Barcelona, 1583.

<sup>106</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro...*, 78v. É o *Camino y puerta para la oración mental*, Barcelona, 1583.

<sup>107</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro...*, 78v. Talvez se refira ao seu texto manuscrito *Del gran beneficio que Jesucristo Nuestro Señor hizo a los hombres en que después de resuscitado se quedasen sus llagas abiertas* (cf. Juan ESQUERDA BIFET, «Estudio preliminar» da edição do *Aviso de Gente Recogida*, ed. cit., 39).

<sup>108</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro...*, fl. 142r.

<sup>109</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro...*, fl. 155v. *Aviso de gente recogida y especialmente dedicada al servicio de Dios* (...), Barcelona, 1585.

<sup>110</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro...*, fl. 158r. *Vida nueva para las almas que quieren confesar bien y comulgar dignamente delerminándose de no enojar más a Dios y perseverar en su gracia*, Barcelona, 1586.

espécie de «ordenação» externa), pôde não só retomar, (re)interpretar e alargar muitas das ideias sintetizadas no texto de S. de Moraes, mas também discorrer (num tom e método que denunciam a presença do pregador) sobre outras questões não contidas ou não suficientemente explicitadas e «moralizadas» no texto original. Podia, portanto, fazer uma obra eclética sem daí lhe advir o ónus da desordem ou da falta de sistematicidade. Podia tratar muitos lemas de forma abreviada sem deparar com a dificuldade de produção e de enquadramento de textos específicos. E mesmo que muitos comentários tenham, claramente, a marca do estilo oratório, não estavam sujeitos aos constrangimentos do género. Mas podiam servir como base de sermões ou como textos educativos e catequéticos, de que cada um poderia servir-se segundo os interesses ou as orientações do momento. Na realidade, vários dos comentários apresentam-se como verdadeiros textos autónomos, que apenas se serviram dos «motes» contido na «Lettera» de Moraes para os transformarem em exortações aos cristãos em geral ou a alguns sectores em particular, uma vez que a pluralidade de aspectos da vida espiritual e moral da princesa permitia desenvolver muitos dos tópicos que as orientações espirituais, catequéticas e pastorais - nomeadamente as suas - vinham privilegiando, inclusivamente, em contextos assumidamente contrarreformísticos e que, por isso mesmo, este pregador considerou pertinentes e até prementes «en este tiempo *que ay hereges*»<sup>111</sup>. Assim sucede, por exemplo, com as exortações à penitência e à oração matinal de toda a família<sup>112</sup>; à fuga à vaidade corporal, à ociosidade e à murmuração, especialmente por parte das mulheres<sup>113</sup>; à importância do respeito e obediência aos confessores<sup>114</sup>; ao recurso a orações aprovadas e concomitante fuga às superstições<sup>115</sup>; ao significado do uso das imagens e culto

---

<sup>111</sup> PEREZ DE VALDIVIA, *Libro*.. ed. cit., fl. 54r. Por isso exortou «todos los Catholicos» a «viuir tan euangelicamente en nuestras costumbres, que se confundiesse los hereges, y procurassem de imitarnos». Por diversas vezes sublinhou os perigos do contacto com os «hereges» - e, neste aspecto, o exemplo da princesa era especialmente eloquente (PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro* ed. cit., fl. 41r.-v.; 45r.-v.) -, queixando-se, por outro lado, dos homens e mulheres do «tempo de agora» que não eram solícitos no cumprimento dos preceitos cristãos (PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*...., ed. cit., fl. 91v.; 144v., etc).

<sup>112</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*....ed. cit., fl. 9v.-10v.

<sup>113</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*....ed. cit., fl. 11v.-23v. e 110ss.

<sup>114</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*....ed. cit., fl. 24-26r; 34ss: 90v.

<sup>115</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*....ed. cit., fl. 35v.-42r.

de relíquias<sup>116</sup>; ao valor do martírio<sup>117</sup>; à frequência do Santíssimo Sacramento e valorização das confrarias e romarias<sup>118</sup>, bem como da confissão frequente<sup>119</sup>; à importância das leituras tanto femininas quanto dos cristãos em geral e sua relação com o comportamento moral<sup>120</sup>; ao significado da preparação e acompanhamento na morte, incluindo a elaboração do testamento<sup>121</sup>; à práticas das obras de misericórdia<sup>122</sup>, à atenção aos pobres e aos criados<sup>123</sup>; ao cuidado com a educação dos filhos<sup>124</sup>.

Claro que esta multiplicidade de aspectos concentrados num texto só e concretizados na figura singular de D. Maria podia contribuir - porque aumentava a excelência do modelo - para tornar, aos olhos dos destinatários, menos «imitável» este «exemplo» que agora Pérez de Valdivia propunha a todos. Por isso refutou antecipadamente eventuais argumentos nesse sentido, tentando mostrar — como muitos outros autores vinham fazendo por aquelas décadas -, por um lado, a possibilidade de todos viverem sem pecar mortalmente e, por outro, que a vida cristã podia coabitar com o cumprimento das obrigações de estado<sup>125</sup>. Também por isso afirmou - retomando um princípio que lhe era particularmente caro - que «todo hombre de qualquier estado o condicion, desde el rey al esclauo, y del Papa a vn sacristan estan obligados a cumplir los preceptos de Dios(...)» e que «pues Iesu Christo nuestro Senõr predico el euangelio para todos: es genero de blasphemia dezir: *que* ay modo de vida Christiana, en el qual no pueden viuir Christianamente...»<sup>126</sup>. Aí estava então o exemplo maior desta princesa que «entre tanto que viuio, de todas las naciones fue venerada, y estimada, y del summo pontifice, y todos los principes Christianos, y de sus vasallos amada, y querida, y seruida. Y en su muerte tan

---

<sup>116</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*..... ed. cit., fl. 44r.-46

<sup>117</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*....., ed. cit., fl. 49r.-53r.

<sup>118</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*....., ed. cit., fl. 56r.-59v.; 76r.; 147v.

<sup>119</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*....., ed. cit., fl. 152v.-157v.

<sup>120</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*..... ed. cit., fl. 63v.-72r; 122v.-124v.

<sup>121</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*..... ed. cit., fl. 72v.-74r. e 138v.-141v; 148v.-149r.

<sup>122</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*.....ed. cit., fl. 91v. ss.

<sup>123</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*..... ed. cit., fl. 86v.-86v.; 96v.-109v.; Illr.-116r.;

118v.

<sup>124</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*.....ed. cit., fl. 144r.-146v.

<sup>125</sup> Cf. M<sup>a</sup> de Lurdes Correia FERNANDES, *Espelhos, Carias e Guias*. ob. cit. esp. cap. VII «Da 'perfeição' dos estados ao 'casamento perfeito'», 223-257.

<sup>126</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro*....., ed. cit., fl. 159v.-160r.

consolada y fauorescida de nuestro Señor. Y despues de su muerte gloriosa en el cielo, y con tanta fama en la tierra»<sup>127</sup>.

Mas, se assim de «tanta fama» e com uma «vida» tão acolhida em Itália e um pouco em Espanha, porquê a sua «vida» só tardia, parcial ou resumidamente foi divulgada em Portugal?

5. De facto, os ecos da vida e da «fama» desta Princesa de Parma, filha de um infante português e irmã de uma candidata ao trono após a morte de D. Sebastião e, sobretudo, do Cardeal-Infante D. Henrique, parecem ter chegado a Portugal só muito tardiamente. Mesmo um dos primeiros autores de origem portuguesa que evocou o seu exemplo - Cristóvão de Acosta, no livro escrito em castelhano mas editado em Veneza em 1592, o *Tratado en Loor de las Mugeres*<sup>128</sup> — não deu mostras de conhecer aquela *Vida* de D. Maria, e nem mesmo a fama das virtudes que Sebastião de Morais divulgara.

O primeiro elogio da princesa feito em língua portuguesa e em obra impressa em Portugal (tanto quanto hoje sei) foi o de Duarte Nunes de Leão naja citada *Descrição do Reino de Portugal*, editada em 1610, mas também ele não deu mostras claras ou inequívocas do conhecimento daquela *Vida*, embora se tenha revelado conhecedor da «fama» das virtudes da princesa, em particular, como atrás disse, da prudência, sobre que se centrou tal elogio, o que se compreende, aliás, no quadro da evocação e exaltação que pretendeu fazer «Do valor & animo de molheres Portuguesas»<sup>129</sup>.

<sup>127</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro.....* ed. cit., fl. 161r.

<sup>128</sup> Christoval de ACOSTA, *Tratado en Loor de las Mugeres y de la Castidad, Onestidad, Constancia, y Iusticia: Con otras muchas particularidades, y varias Historias* (dedicado a D. Catarina de Áustria), Veneza, Giacomo Cornetti, 1592, 8º, fl. 98v., apenas elogiou a figura de D. Maria na sequência do elogio de sua irmã, D. Catarina, Duquesa de Bragança, mostrando ter presente apenas a sua «fama» do tempo de solteira: «...Doctissima y grande Astrologa y Mathematica la Excelentissima Señora Princesa de Parma doña Maria, cuyos loores dexo para otra mas limada Pluma que la mia».

<sup>129</sup> Duarte Nunes de LEÃO, *Descrição do Reino de Portugal*, ob. cit., cap. LXXXIX, fl. 145r.-v. Note-se ainda que 21 anos mais tarde António de Sousa de MACEDO, nas *Flores de Espanha, Excelências de Portugal* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1631) apenas evocou a figura de D. Maria a propósito da excelência das mulheres portuguesas nas letras (fl. 69v.: «...supo rnucho en Matematica, y en otras letras humanas, y era muy versada en la Escritura sagrada») e no capítulo sobre os «Santos de Portugal» (fl.90r.; «Solamente de los Reyes, y Príncipes Portugueses que por obras mere-

O primeiro texto que revela conhecimento directo da *Vida* - até porque a traduz e transcreve parcialmente - é a *Fugida do mundo para Deos pella escada da penitencia* (1619) de Gregório Taveira<sup>130</sup>. Mas este autor apenas traduziu a parte relativa à «scrittura» de Maria - certamente a partir da edição de Madrid de 1591 ou, menos provavelmente, a partir da edição anotada (1587) de Pérez de Valdivia, já que numerou os diferentes parágrafos daquele «memorial» da princesa, o que sucedeu pela primeira vez naquelas edições -, apresentando, quase no final da obra (mais concretamente, no final do «septimo degrao»<sup>131</sup>) os «Avizos, & documentos que guardava aquella Senhora em virtude, & sangue, Dona Maria Princesa de Parma, & neta del Rey Dom Manoel, que Deos haja: os quaes podem servir de exemplo a todo o christão, & principalmente as senhoras illustres, que tem casa, & estado». Talvez valha a pena recordar que Pérez de Valdivia, no final da sua edição anotada da «Vida» da princesa em que voltou a chamar a atenção para os «advertimentos» que para si fizera a princesa D. Maria, exprimira o desejo de que o leitor «las tomasse todas de memoria: o escriuiesse tan sanctas constituciones, y las traxesse consigo, como esta señora hazia. Y oxala cada vno con consejo del padre spiritual ordenasse su vida, y le hiziesse sus constituciones assi, para mejor guardarse de caer en offensas de Dios...»<sup>132</sup>.

Mesmo que Gregório Taveira não tenha lido esta edição anotada, não

---

cieron ser tenidos comunmente del pueblo por Santos, apuntare aqui algunos (...) la Princesa de Parma doña Maria, nieta del Rey don Manuel, hija del Infante Don Duarte»).

<sup>130</sup> Fr. Gregório TAVEIRA, O.C., *Fugida do mundo para Deos pella Escada da Penitencia pella qual sobio David penitente, & a deixou facilitada aos peccadores em sete degraos, significados nos sete psalmos penitenciaes* (...), Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1619, reed., pelo mesmo em 1624; por António Rodrigues d'Abreu em 1675; por João Galvão em 1676; em Coimbra, por José Antunes da Silva em 1709. Utilizo aqui esta última edição.

<sup>131</sup> Fr. Gregório TAVEIRA, O. C., *Fugida do mundo para Deos pella escada da penitencia, pella qual sobio David penitente, & a deixou facilitada aos peccadores em sete degraos, significados nos sete Psalmos penitenciaes. Repartidos pellos sete dias da somana, em ordem de exercicio, con paraphrasis em portuquez. E no fim para exercido de contemplativos, huns suspiros da alma saudosa da Patria celestial que vê do alto da escada por actos de contemplação. Em tres tratados* (1ª ed. 1519), Coimbra, Of. de Joseph Antunes da Sylva, 1709, 120-125. O longo título, tão ao gosto da época, é já uma espécie de resumo da obra.

<sup>132</sup> PÉREZ DE VALDIVIA, *Libro...*, «Tabla de las diferentes materias, que en esta carta, y anotaciones sobre della, se tratan», s. n. [fl. 163r.].

deixa de ser significativo que, no contexto da paráfrase dos sete salmos confessionais apresentados «em ordem de exercício», tenha valorizado estes «avizos e documentos» e os tenha feito «servir de exemplo a todo o Christão, & principalmente as senhoras illustres, que tem casa e estado»...

Por tudo isto, é igualmente interessante e muito significativo que o primeiro resumo daquela «Vida» - que, recorde-se, nunca teve qualquer edição ou tradução integral em Portugal - só tenha aparecido no contexto de uma obra de «antologia» hagiográfica - o *Jardim de Portugal* do eremita agustiniano (e cronista da Ordem) Fr. Luís dos Anjos<sup>133</sup> -, já tardia em relação a outras congéneres europeias<sup>134</sup>, que pretendeu dar «noticia de algumas Sanctas, & outras molheres illustres em virtude, as quais nascerão, ou viuerão, ou estão sepultadas neste Reino, & suas conquistas». Compreensivelmente - era um tópico da literatura hagiográfica - um dos objectivos confessados por aquele cronista para a elaboração da obra foi «que os homens bons se alegrem, & os maos se confundam, vendo, que em todas as idades teue nosso Reyno molheres excellentes em todo genero de virtudes, & assim as que viuem, como as vindouras achem facilmente a que imitar»<sup>135</sup>.

Transcrevendo toda a «scrittura» da princesa<sup>136</sup>, Fr. Luís dos Anjos foi, contudo, mais selectivo em relação ao restante texto de Sebastião de Moraes, resumindo alguns aspectos, omitindo outros, numa selecção que haverá que compreender tanto no quadro da concepção e objectivos da obra - dar «noticia» de «algumas Sanctas, & outras molheres illustres em virtude», o que obrigava a apresentações sintéticas - quanto, compreensivel-

<sup>133</sup> Fr. Luís dos ANJOS, *Jardim de Portugal* (...), Coimbra, Nicolau Carvalho, 1626, obra dedicada «A Senhora Dona Luisa Coutinha Condessa do Sabugal, Alcaidessa mór de Sanctarem, etc». Sobre outras obras hagiográficas ou espirituais do mesmo período dedicadas à mesma ou a outras mulheres, cf. M<sup>a</sup> de Lurdes Correia FERNANDES, *Recordar os «santos vivos»: leituras e práticas devotas nas primeiras décadas do séc. XVII português*, in *Via Spiritus*, 1 (1994), 133-155.

<sup>134</sup> O autor teve consciência desse «atraso», mas também não se coibiu da crítica a «alguns autores estrangeiros, como he loão Peres de Moya, & outros, [que] tratarão das molheres, que ouue no mundo insignes em todo genero de virtude, & assi passarão em silencio as do nosso Portugal, como se nelle faltarão...» (ANJOS, *Jardim de Portugal*, ob. cit., «A quem ler», s. n.).

<sup>135</sup> ANJOS, *Jardim de Portugal*, ob. cit.. «A quem ler», s. n.]

<sup>136</sup> Fr. Luís dos Anjos serviu-se certamente da edição que citou: «em Hespanhol em Madrid no anno de mil & quinhentos e nouenta e hum, por industria de Francisco de Aluarado» (*Jardim de Portugal*, ob. cit., 449).

mente, em virtude dos aspectos que se afiguraram mais «exemplares» para o autor<sup>137</sup>. Assim, valorizou o seu grande «temor de Deos», traduzido no seu exame de consciência diário, o registo e a dor dos seus pecados; a prática de devoções aprovadas; a «honra ás imagens» e a devoção aos «lugares que conseruauão Reliquias dos Sanctos» e culto das relíquias; o «lauar com suas mãos algum ornamento pera seruiço do altar»; veneração, em especial, ao Santíssimo Sacramento; as suas obras de misericórdia (especialmente junto das «publicas peccadoras» e no recolhimento e doutrinação de suas filhas); a sua amizade com as mulheres «que se dauão á vida espiritual»; o auxílio à Confraria das mulheres nobres da cidade; a pacificação de casados desavindos; o impulso ao ensino da doutrina cristã às meninas; a humildade e o cuidado com os pobres; a cuidada preparação para a morte e os últimos momentos devotos do seu trânsito.

Claro que a inclusão do resumo da «Vida» da Princesa de Parma numa obra deste tipo já não poderia contribuir, mesmo fazendo-lhe alguma justiça, para tornar mais viva ou mais próxima a memória de uma princesa - que cá fora apenas uma grande senhora - que rapidamente parece ter sido esquecida em Portugal. Até porque, evocando-a numa obra deste tipo, também diluía a sua exemplaridade num conjunto mais vasto de outras exemplaridades - e algumas delas mais notáveis e mais presentes na memória dos portugueses de então - tornando-a talvez até mais distante. Tanto que nem a recuperação mais minuciosa da memória da «vida» e da figura da Princesa de Parma por D. António Caetano de Sousa — que se socorreu de outras fontes históricas, literárias e religiosas - na IV parte do *Agiologio Lusitano* (Lisboa, 1744) terá sido suficiente para tornar mais «portuguesa» esta princesa...

Claro que não se poderá deixar de questionar este «atraso» e parcial visão ou evocação em Portugal da memória de D. Maria<sup>138</sup>. Porque é, como se sabe, culturalmente muito diferente a publicação e divulgação da sua «Vida» nos anos imediatamente após a sua morte, em relação a uma lembrança mais distante, em contextos literários, religiosos e históricos bastante diferenciados,

---

<sup>137</sup> ANJOS, *Jardim de Portugal*, ob. cit., 448-461.

<sup>138</sup> Também no século XVIII, o seu nome ainda figura na obra (um breve «catálogo» de figuras femininas portuguesas) de Diogo Manuel Ayres de AZEVEDO, *Portugal ilustrado pelo sexo feminino. Noticia historica de muytas heroínas que florecerão em Virtude, Letras e Armas*. Lisboa, Oficina de Pedro Ferreira, 1734, mas a memória aí registada - na «Noticia de muitas Heroínas Portuguesas, que florecerão em Letras», em segundo lugar, depois da Infanta D. Maria sua tia - é a da «insigne em Mathematica, e Musica [que] Soube diversos idiomas, principalmente o Latino, Alemão, e Francez,

como são a primeira metade do século XVII ou a primeira metade do século XVIII portugueses. Seria a distância geográfica suficiente para justificar tal atraso e, aparentemente, o interesse reduzido (em relação ao seu sucesso em Itália e, em parte, em Espanha)? Ou faria mais sentido aquela «Vida» - como, na realidade, a vivência da princesa - na Itália daquelas décadas?

Seja como for, o ano - 1578 - da primeira edição em Itália da *Vita et morte* de D. Maria foi, em Portugal, o ano do desastre de Alcácer Quibir, a que se seguiram anos conturbados do ponto de vista político. E D. Maria fora, por um lado, irmã de D. Catarina de Bragança, a principal rival política de Filipe II e, por outro, mulher de um Farnese a quem também havia sido apetecível o trono português...

Maria de Lurdes Correia Fernandes

---

e grande parte das Escrituras Sagradas» e «excellente» na pintura (ob. cit., 70). Não figura na rubrica das mulheres que se distinguiram na «virtude».